

Deputada mais votada do Acre teve vida dura nos seringais

Ricardo Kotscho

SÃO PAULO — Cercada por arranha-céus, descansando depois do almoço num banco dos jardins do Sion — colégio de freiras freqüentado pela alta burguesia paulistana, no aristocrático bairro de Higienópolis — Maria Osmarina Silva de Souza viaja no tempo até a vida no Breu Velho do seringal Bagaço, no Acre, onde ela nasceu e foi criada. O tempo voou. Alfabetizada aos 16 anos pelo Mobral, com 26 formou-se em História e, agora, aos 32, três filhos e dois casamentos, é a deputada estadual mais votada do Acre, já chamada de *Benê do seringal*, uma referência à deputada Benedita da Silva (PT-RJ).

A transformação que sua vida sofreu depois de sair do seringal para estudar em Rio Branco, a capital do Acre, foi tão violenta que Maria Osmarina mudou até de nome. Virou *Marina do PT*, apelido que registrou em cartório, para evitar que seus votos fossem anulados, porque ninguém mais a conhece pelo nome de batismo. Parceira de lutas de Chico Mendes — foi vice dele na direção nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT) —, Marina veio a São Paulo para instalar o comitê de apoio a Jorge Viana, o candidato do PT ao governo do Acre, e contou sua história em entrevista exclusiva ao JORNAL DO BRASIL.

A sala da casa de dois cômodos em Breu Velho não tinha paredes. Em volta dela, ficavam a casa de farinha e o defumador de borracha, o enorme bananal, um pé de castanheira e o terreiro grande, que a mãe mantinha sempre muito limpo — as imagens que ela guarda da infância. De duas em duas semanas, chegava o comboio pelo varadouro, o caminho do seringal, para trazer sal, óleo, sabão, açúcar e café, e levar a borracha. Era sua única ligação com o mundo.

O pai, Pedro Augusto, cearense que migrou para o Acre em 1946, cansou-se daquela vida. Quando Marina tinha 6 anos, vendeu a colocação no Breu Velho e levou a família para Manaus. Em cinco meses, sem conseguir vender um prego, gastou o dinheiro que tinha e foi obrigado a vender também a casa. A família Souza — dos 11 filhos, oito ainda estavam vivos — foi parar em Belém, num projeto de colonização do município de Santa Maria, onde Marina aprendeu a raspar mandioca.

Pedro Augusto estava começando a se ajear novamente, mas o preço da farinha de mandioca sofreu uma queda violenta e Marina se lembra que, no Sábado de Aleluia de 1967, só havia em casa um único ovo para comer. Maria Augusta, a mãe, não teve muita escolha: fez uma farofa que só dava para engolir com muita água. No ano seguinte, com a ajuda de Nonato Barros, seu antigo patrão no seringal Bagaço, que lhe deu uma colocação em São Gonçalo, Pedro Augusto voltou para o Acre.

A dívida que tinham com Nonato Barros parecia impagável, mas com a ajuda das filhas — só o caçula nasceu homem —, Pedro Augusto começou tudo de novo. Marina e a irmã mais velha, Delzimar, ficaram encarregadas de 60 árvores. Aos 13 anos, ela já cuidava de 150 seringueiras, percorrendo diariamente uma distância de mais ou menos 20 quilômetros.

Marina chegaria aos 19 anos sem ter conhecido namorado. Queria ser freira. "Eu me resguardava para Deus." A esta altura, os Souza já haviam pago toda a dívida e corria pelos seringais a fama das filhas do Pedro Augusto boas de serviço. A alegria durou pouco: Nonato Barros vendeu o seringal, em 1974, e o jeito foi caçar um lote às margens da BR-364, onde o governo federal estava desenvolvendo um projeto de colonização. No ano seguinte, morreram cinco pessoas da família Souza: a mãe, de meningite; duas irmãs, de malária e sarampo; a avó, de câncer, e um tio, de malária.

Os parentes ajudaram, eles começaram



São Paulo — Arivaldo Santos

Marina fez campanha numa Brasília velha e emprestada

mais uma vez tudo de novo, mas pouco depois Marina pegou uma hepatite. Durante um mês, tomou remédio contra malária. Ao chegar a Rio Branco, já nas últimas, o médico diagnosticou: "Essa daí já está com a alma no inferno há muito tempo."

Enquanto se recuperava na casa de parentes em Rio Branco, ela tomou uma decisão que mudaria sua vida. "Botei na cabeça que tinha que estudar." Em menos de três meses na cidade, ela já havia aprendido a ler e escrever. Antes de conseguir um lugar na Casa Madre Elisa, das Servas de Maria Reparadoras, Marina trabalhou como empregada doméstica. Na casa das freiras ela trabalhava de dia, fazendo limpeza, cozinhando e cuidando do jardim. Depois, ia estudar no Instituto Imaculada Conceição.

Foi tudo muito rápido: em 1979, com 19 anos, ela já havia completado o supletivo de 2º grau e pensava em fazer vestibular para Psicologia, curso que não existe no Acre. Desistiu de ser freira, começou a namorar Raimundo Gomes da Silva, com quem se casou no ano seguinte, e teve dois filhos — Shalom, hoje com 9 anos, e Danilo, com 8. Quatro anos depois, já estava formada em História. Marina passou a ter o que ela mesma define como "militância generalizada": atuava ao mesmo tempo no movimento estudantil, sindical e popular, onde conheceu Chico Mendes pela via da Pastoral da Terra.

Separada de Raimundo, casou-se novamente em 1986 com o técnico agrícola Fábio Vaz de Lima, com quem teve o terceiro filho, Moara, que nasceu no final da campanha presidencial do ano passado. "Dei esse nome, que em tupi-guarani significa liberdade, em homenagem ao Lula. Viajei de teco-teco até o oitavo mês de gravidez para fazer a campanha dele." A militância foi tanta que Marina desistiu de fazer seu mestrado em Teoria da História. Vice de Chico Mendes na CUT, participou de vários empates, movimentos organizados pelos seringueiros para evitar a derrubada da floresta.

Em 1986, Marina disputou pela primeira vez uma eleição. Teve quase 3 mil votos para deputada federal, um caminho de votos para o Acre, mas o partido não atingiu o quociente eleitoral mínimo. Dois anos depois, foi a vereadora proporcionalmente mais votada do país, com 2,9% dos votos de Rio Branco.

Na Câmara Municipal, Marina criou a Tribuna Popular (na primeira quarta-feira do mês, qualquer cidadão pode pedir a palavra e participar da sessão), lutou pela melhoria dos serviços de transportes e abastecimento de água, mas acabou se tornando nacionalmente conhecida pelas denúncias que fez sobre os salários dos vereadores.

Quando os salários foram congelados pelo Plano Collor, em março, os vereadores ganhavam Cr\$ 153 mil por mês. De lá para cá, foram tantos os aumentos que os vereadores se autoconcederam, em nome do "esforço constituinte", que Marina já depositou em juízo Cr\$ 1.186.000 e recebe até hoje apenas o valor do salário de março.

Com a ajuda de alguns voluntários, ela se tornou a deputada estadual mais votada do Acre nas últimas eleições a bordo de uma velha Brasília emprestada por amigos. "Acho que minha maior contribuição na política foi no campo da ética. A política para mim é uma forma de expressar meu amor pela humanidade, valorizar as pessoas".

Nos jardins do mesmo Sion, onde o PT foi fundado há 11 anos, os olhos da frágil e forte Marina brilham com mais intensidade ao lembrar um recente episódio familiar. "O Danilo é um menino que não sabe perder. A gente joga videogame e, quando ele perde, não quer dar vez aos outros. Eu proibi ele de jogar. Ai ele chegou para mim e prometeu: eu agora vou ser tão honesto quanto você é com o povo." Na boca de Marina, a *Benê do Seringal*, uma frase como essa não cheira a demagogia ou pieguismo — e ela acaba se emocionando com sua própria história.